

## Catequeses Teresianas

### XXII

Todo este processo espiritual tem uma forte carga antropológica, não fora todo ele inspirado em símbolos bíblicos. De facto, a Bíblia é antropologia a partir de uma teologia, como é teologia a partir de uma antropologia: fala do ser humano a partir de Deus e fala de Deus a partir de uma elevada concepção de ser humano.

Uma frase de grande carga antropológica é: o Senhor Jesus, aparecido a Teresa “como depois de ressuscitado, disse-lhe que já era tempo de ela tomar as coisas dele por suas e ele teria cuidado das coisas dela” (7M 2,1: repetida em 7M 3,2). Está fertilizada pelo tom existencial, sponsal, do Cântico dos Cânticos. É nesta antropologia que toma consistência a mútua dádiva de amor: como Jesus viveu para Teresa, ela vive para Cristo.

Os próprios símbolos teresianos do *Castelo Interior* são tão antropológicos como bíblicos: se o símbolo das *moradas do castelo* é estrutural, o símbolo *nupcial*, que cobre as quintas, sextas e sétimas Moradas, impõe a sua força significativa de matrimónio espiritual aqui nas sétimas. Enriquecido com outros elementos do Cântico dos Cânticos (adega, vinho, amor), sublinha a dimensão relacional da vida da graça.

A relação com Deus ao longo do itinerário espiritual em Moradas tem uma história semelhante à vivida pelo povo de Deus, narrada pela Bíblia. De facto, no Antigo Testamento já desde o livro do Génesis Deus torna-se presente aos patriarcas, fala com eles, manifesta-se como o Deus da pessoa. Do êxodo ao Deuterónimo, o povo sentia-se acompanhado por Deus na sua travessia pelo deserto. A arca da aliança simbolizava essa presença e o compromisso da relação mútua. E, como no amor humano, também na Bíblia a relação de Deus com os humanos exige presença integral: não só *estar com* eles, mas também *estar em* eles. O Novo Testamento narra a história de um Deus humanado, de Deus *na pessoa*.

Assim na vida de Teresa, Deus se fazia sentir presente em alguns acontecimentos. E também ela sentia a companhia de Jesus: já não só o sentia ao lado, mas dentro, no centro de si própria: Tu em mim como eu em ti, união sem fusão e sem confusão. Se toda a história de amor intenso exige presença continuada, na experiência espiritual (bíblica e teresiana) não foi diferente: aconteceu a encarnação e a união mística. Teresa chegou a viver as palavras de Jesus no evangelho de João: “que todos sejam um; como tu, Pai, em mim e eu em ti, que eles também sejam um em nós...; eu neles e tu em mim” (17,21-23). Cita-as explicitamente em 7M 2,7: “...e diz: Eu estou neles”. Este matrimónio espiritual não parecerá tão estranho se atendermos aos textos de Paulo, aos quais recorre Teresa para o explicar: “O que se une ao Senhor torna-se um espírito com ele” (1Cor 6,17); “para mim viver é Cristo e morrer um ganho” (Fl 1,21).

*P. Armindo Vaz, OCD*